



PSICANÁLISE

Ana Cláudia Zuanella

# A paixão e seus destinos pathológicos

*Um olhar psicanalítico*

Prefácio de Ignácio A. Paim Filho

**Blucher**

A PAIXÃO E SEUS  
DESTINOS PATHOLÓGICOS

*Um olhar psicanalítico*

Ana Cláudia Zuanella

*A paixão e seus destinos pathológicos: um olhar psicanalítico*

© 2024 Ana Cláudia Zuanella

1ª edição – Blucher, 2024

Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenador editorial* Rafael Fulanetti

*Coordenação de produção* Andressa Lira

*Produção editorial* Juliana Morais

*Preparação de texto* Regiane Miyashiro

*Diagramação* Plinio Ricca

*Revisão de texto* Cristiana Gonzaga Souto Corrêa

*Capa* Laércio Flenic

*Imagem da capa* Manoel Veiga – “Sem título ID1806” (2021, acrílica sobre tela,

180x105 cm)

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar  
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil  
Tel.: 55 11 3078-5366  
[contato@blucher.com.br](mailto:contato@blucher.com.br)  
[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,  
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico  
da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira  
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial  
por quaisquer meios sem autorização  
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela  
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Zuanella, Ana Cláudia  
*A paixão e seus destinos pathológicos: um  
olhar psicanalítico* / Ana Cláudia Zuanella. –  
São Paulo: Blucher, 2024.  
146 p.

Bibliografia  
ISBN 978-85-212-2007-7

1. Psicanálise I. Título

24-0616

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:  
1. Psicanálise

# Conteúdo

Agradecimentos	11
Professor Zeferino Rocha	15
Carta para os autores	19
Prefácio	23
<i>Ignácio A. Paim Filho</i>	
Introdução	31
1. O páthos da paixão	39
2. Os ideais da paixão	69
3. Destinos patológicos da paixão	85
Considerações finais	133
Referências	137

# Introdução

Quem nunca se apaixonou que atire a primeira pedra. Nenhuma paixão passará incólume, deixando suas marcas, mais ou menos profundas conforme o destino que siga. Não existe uma forma única de paixão, assim como não existe uma forma única de viver. Mas isso nos impedirá de construirmos uma ideia do que especifica a paixão do ponto de vista psicanalítico? Este livro é a resposta de que não.

O interesse por escrever sobre a paixão amorosa surgiu a partir de uma constatação de ordem clínica, quando, ao longo dos anos, ficou clara a recorrência de assuntos ligados ao tema, bem como sua relevância para a compreensão do modo de funcionamento psíquico de cada paciente.

A dor de amor, ou de desamor, além de ser um frequente motivo de busca por ajuda psicanalítica, surge como temática expressiva no decorrer do tratamento. Por esse motivo, acredito que abordar o conceito e o mecanismo da paixão nos leva a aprofundar um assunto de grande interesse que nunca perde sua atualidade e relevância no trabalho analítico. Compreender a forma como o sujeito lida com sua vida afetiva é uma importante ferramenta para acessar a dinâmica psíquica do sujeito, colaborando com nossa escuta clínica.

Um segundo motivo surgiu em decorrência de um convite em 2008 para apresentar um trabalho sobre *Formas patológicas de amar*. À época foi difícil encontrar publicações psicanalíticas a respeito, inclusive tal fato era mencionado por vários autores (Green, 1988a; Paz, 2001; Person, 2007; Escribens, 2007; Kernberg, 1995). Imaginei, então, que seria interessante agregar mais pesquisa teórica ao tema, englobando o amor, mas me detendo à paixão.<sup>1</sup>

Mais recentemente o assunto ganhou maior visibilidade graças a autores como Paim Filho & Terra Machado (2021), Patrício de Almeida (2022), Dunker (2017), Kuss (2015), Suy (2022), Roudinesco (2019), Manduca e Ferreira (2023).

Espero poder trazer uma visão que colabore com as ideias mais recentes e ajude nas construções que cada leitor fizer a respeito desse tão atraente assunto.

Gostaria de dividir com vocês o que direcionou meu processo de escrita. Realizei uma gama de leituras de fundamentação psicanalítica, utilizando-me principalmente da metapsicologia freudiana. Foram estudados os aspectos topográficos, dinâmicos e econômicos dos fenômenos intrapsíquicos envolvidos no apaixonar-se.

---

1 Ao serem pesquisadas duas bibliotecas eletrônicas, Scielo – Scientific Electronic Library Online com periódicos nacionais, e Lilacs – índice de Literatura Científica e Técnica da América Latina e Caribe, deparava-se com os seguintes dados até 2015: sobre o tema da paixão e alguma relação com a psicanálise foram encontrados quatro artigos nos últimos dez anos no Scielo; já no Lilacs, encontravam-se 22 artigos (inclusive os quatro do Scielo), no entanto, esses 22 artigos foram escritos em um período bem mais extenso, de 28 anos, e considerando-se toda América Latina e o Caribe. Sobre o tema do amor, no Scielo havia três artigos na área psicanalítica que tratavam do assunto como tema central nos últimos dez anos; no Lilacs chegou-se a 39 artigos em um período de 33 anos. Encontramos apenas um artigo que relacionasse a paixão às Instâncias Ideais, de Ana Lila Lejarraga, intitulado *Freud e Winnicott: do apaixonamento à capacidade de amar*, publicado na revista *Pulsional*, ano XV, n. 164, dez./2002 - ano XVI, n. 165, jan./2003 (pp. 42-49).

Diz Green (1988b, p. 18) que a “metapsicologia só serve para pensar. E sempre retroativamente, não na poltrona analítica, mas naquela na qual o analista senta frente a uma folha branca que estimula ou inibe seu intelecto.” Espero que as observações da prática analítica que despertaram o interesse por esse tema possam ter sido pensadas nesse *a posteriori* quando a metapsicologia funcionou como instrumento para lhes dar um sentido e permitir que folhas brancas agissem como “estímulo ao intelecto” na busca de respostas.

Que a metapsicologia seja a semente lançada em um solo que se torne fecundo, possibilitando a criatividade e a originalidade. Como escreveu Wittgenstein: “Minha originalidade, caso seja esta a palavra certa, é, acredito, uma originalidade do solo e não da semente. Pode ser que eu não tenha semente alguma que me seja própria. Lance uma semente no meu solo e ela crescerá diferentemente do que sobre qualquer outro solo” (*apud* Caon, 1994, p. 151). A metapsicologia foi dada, é a semente de Freud, espero que o solo onde ela foi plantada a tenha feito germinar.

É importante lembrar que a Psicanálise designa tanto um tratamento, quanto uma forma de pesquisa e um arcabouço conceitual. Neste livro, a psicanálise é utilizada enquanto arcabouço conceitual e fundamentação teórica.

Utilizei vários conceitos *teóricos* psicanalíticos para entender o fenômeno do apaixonamento, realizando uma dupla leitura, tanto sistemática, contextualizante, quanto desconstrutiva, que “explora as tensões, as trilhas perdidas, as pequenas aberturas do texto que a leitura clássica tende a fechar” (Caputo, *apud* Figueiredo, 1999, p. 20). É um tipo de leitura transgressora, que muito me agrada, posto que ela se move nas direções abertas dos textos, convocando-nos a discutir com ele, instabilizar-nos até encontrar respostas que nos apaziguem diante das intermináveis perguntas que nos levam a pesquisar e escrever, ela dá vida ao texto, aquele que o lê e aquele que o escreve.

Li os textos que me ampararam nesta escrita na busca de respostas a uma série de questões e um questionamento a uma série de crenças, acreditando que devemos trazer o texto para nosso campo e deixar-nos tocar pelas questões que ele nos traz e pelas respostas que ele passa a solicitar.<sup>2</sup> É um movimento em vários sentidos e ao compreendermos e aceitarmos essa variedade de caminhos, sem medo de nos perdermos para sempre, aceitamos que não há respostas dadas, porque elas encerrariam a aventura do viajante que se atira no mundo do conhecimento.

Para mim, como penso que ocorra com todos os autores, é muito importante ter um terceiro para quem se dirige a escrita. Um viajante que ache útil nosso mapa para se localizar antes de partir para outras paragens. Chamo esse terceiro de “outro significativo”; no meu caso, durante a arteficialidade deste livro, foi uma amiga que dialogou incessantemente comigo ouviu e discutiu minhas hipóteses e acolheu minhas frustrações diante da ausência de respostas fáceis. Agora esse outro significativo serão também vocês, realizando algo que todos que pesquisam e escrevem almejam: ver se suas ideias fazem sentido para alguém e se estimulam a vontade de saber que existe em nós.

O objetivo deste livro não é criar uma forma conclusiva ou única de explicar a paixão, mas, sim, abrir questões e caminhos que possibilitem a compreensão reflexiva de alguns componentes na singularidade do apaixonar-se.

Como se dará a sistematização do que pretendo dividir com vocês nesta leitura?

Ela traçará um caminho para abordar a paixão amorosa e alguns de seus destinos patológicos localizados na esfera das neuroses e da

---

2 Essas ideias são desenvolvidas por Gadamer (*apud* Lawn, 2007). Apesar de usarmos a metapsicologia freudiana, a *forma* de leitura dos textos teve premissas semelhantes às desenvolvidas por Gadamer, esclarecendo que não estamos fazendo uma associação entre a hermenêutica gadameriana e a interpretação psicanalítica criada por Freud. Uma se refere ao Inconsciente, a outra ao texto escrito pelos autores pesquisados.

perversão. Não são os únicos caminhos que a patologia pode percorrer na paixão, são os que achei mais interessantes pensarmos sobre, tendo em vista a dinâmica psíquica do apaixonar-se que este livro aponta. Essa paixão pode ser recíproca ou não, o que nos interessa é a dinâmica do apaixonar-se. Veremos se há algo que lhe seja peculiar dentro do aparato teórico psicanalítico, para então adentrarmos nos desdobramentos patológicos que a paixão pode acarretar.

Assim como exposto por Freud, acreditamos que pesquisar o aspecto patológico de determinado fenômeno nos permite entender sua dinâmica também nos estados ditos normais. A patologia se apresenta, nesses casos, como uma lente de aumento, amplificando os mecanismos igualmente envolvidos no funcionamento “normal” do sujeito.

Não se pretende afirmar que todos os destinos da paixão sejam marcadamente patológicos, mas sim que, por meio do estudo do seu aspecto patológico, é possível entendê-la em maior profundidade e amplitude.

Quando Freud (1914/1974d, p. 101) afirma que “devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência de frustrações, formos incapazes de amar”, e que amar é uma das formas, juntamente com o trabalhar, de manter a saúde mental, questiona-se que lugar a paixão ocupa nesse contexto. Paixão é amor?

Em *Grande Sertão: Veredas* (1993, p. 23), Guimarães Rosa, na voz de Riobaldo, declara: “Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura.” A paixão ajuda a não enlouquecermos?

Ao que tudo indica, a resposta é negativa. A paixão, sob diversos aspectos, pode se afastar da saúde advinda de amar. Como diz Rocha (2008a, p. 101), os destinos da paixão “tanto podem ser aqueles de

uma fase normal, embora ilusória, da experiência amorosa, quanto uma experiência desestruturante da vida psíquica”.

A dificuldade já inicia com o fato de toda paixão estar fadada a um fim marcado por uma desilusão. Disso não há como escapar, nossa intenção é explicar por quê. O que o sujeito faz diante dessa frustração falará da sua maturidade psíquica e dos desdobramentos que a paixão pode ter na vida de quem a vivencia.

Para tratarmos desse instigante tema, dividiremos o livro em três capítulos.

O Capítulo 1 traz o conceito de *páthos* do qual é oriunda a palavra paixão, em dois momentos históricos: nos gregos clássicos e nos dias atuais. É, então, apresentada a paixão no campo amoroso, diferenciando-a do conceito de amor. Após essas reflexões, apresentaremos três destinos para o sentimento de apaixonamento, cujo último mais nos interessará.

No Capítulo 2, o texto avança para o contexto mais psicanalítico. Partindo da afirmativa freudiana de que, no amor (*Verliebtheit*), o objeto é colocado no lugar do ideal do ego,<sup>3</sup> pesquisamos o termo *Verliebtheit* e a distinção entre as instâncias ideais que, ao nosso ver, responde em grande medida pelas peculiaridades do apaixonamento.

Essas peculiaridades são trabalhadas no Capítulo 3, no qual se veem o que chamamos de “os destinos patológicos da paixão”, aqueles em que a particularidade da paixão encontra seu destino no adoecimento, marcado pelo sofrimento. Discorreremos sobre o narcisismo patológico, a melancolia, a negação da alteridade, a alienação e o fetiche.

Seguindo a convicção que não há verdades ou respostas derradeiras, compactuamos com Iribarry (2003) na assertiva sobre a escrita:

---

3 À época da escrita deste texto ainda não havia o uso corrente do termo Eu no lugar de Ego; mantivemos o uso feito pelos autores citados.

*O ensaio é como a vida: sempre inconclusivo para o seu autor, pois no dia de sua morte, apenas os que ficarem poderão falar do que restou, enquanto o autor jamais poderá extrair uma aprendizagem desta vivência radical e derradeira. Enquanto se vive, se pode ensaiar. (p. 132)*

Enquanto vivemos, que possamos ensaiar. Convido-os a ensaiarem comigo.



**Por que a paixão**, desde a sua origem, ficou conhecida como aquele sentimento que “desorganiza” a psique humana? Por que costumamos dizer que ela anula a nossa própria existência, nos colocando em um estado de derradeira alienação?

Do belo ao trágico. Da vida à morte. Da paz à guerra. Do egoísmo à empatia. A paixão, sem dúvida alguma, é um afeto de extremos. No entanto, o que seria da nossa existência sem ela?

Ana Cláudia Zuanella debruça-se profundamente sobre essa temática, tecendo reflexões psicanalíticas a respeito desse afeto que nos tira do eixo, mas, paradoxalmente, impulsiona a nossa vitalidade. O livro que o leitor tem em mãos não se propõe a responder tais interrogações, mas a movimentá-las. Em tempos de ódio, essa leitura se faz urgente, sobretudo para que possamos cultivar uma relação ambivalente (e madura) com o páthos da paixão.

*Prof. dr. Alexandre Patricio de Almeida*

Psicanalista, escritor, membro da *International Winnicott Association* (IWA). Mestre e doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2007-7

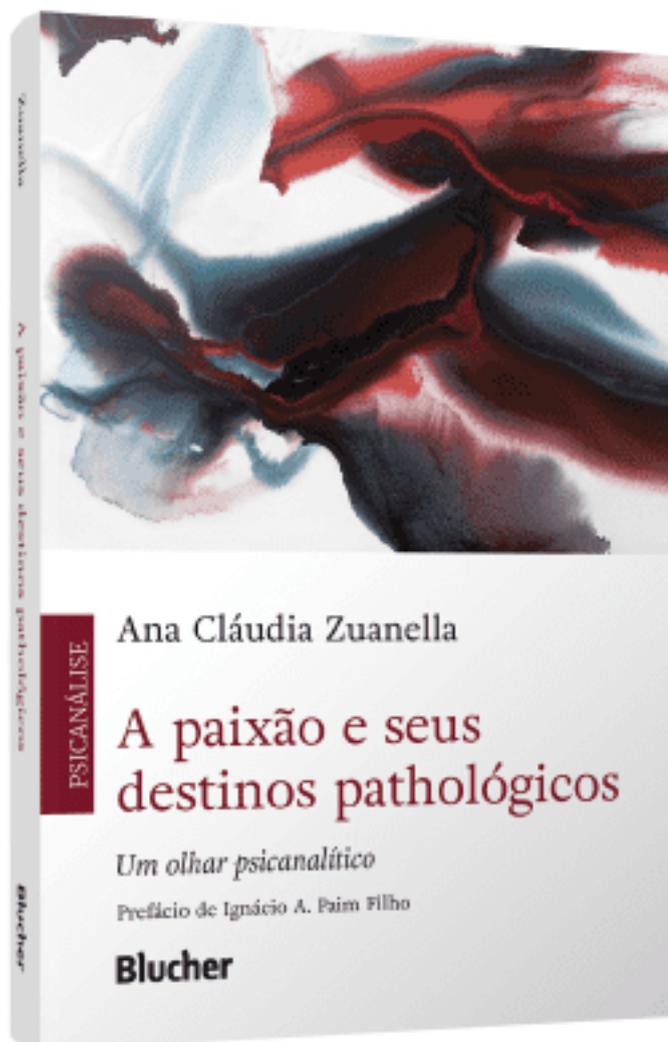


9 788521 220077



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## A paixão e seus destinos pathológicos

Um olhar psicanalítico

---

Ana Cláudia Zuanella

ISBN: 9788521220077

Páginas: 146

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2024

---